

O amor criador e salvador

Mas não podemos deixar por referir a sua belíssima e profundíssima doutrina sobre o amor criador e salvador. Estes dois amores não devem ser considerados como separados e independentes, mas como um único amor que cria para salvar, que ordena e subordina toda a criação à salvação.

Esta doutrina é extremamente importante para um diálogo sério com todas as outras religiões e também com todos os homens da nossa sociedade.

Limitar-me-ei a citar este pensamento de S. Tomás: «Todos os seres, antes de começar a existir, estavam como encerrados na mão de Deus, isto é no seu poder. Mas a mão foi aberta pela chave do amor, e então apareceram as criaturas». Bela metáfora para ensinar uma verdade tão profunda. As obras do P. Santiago Ramirez, sobretudo os cinco volumes do seu *De hominis beatitudine* e os quatro volumes do seu *De analogia*, fazem aparecer mais que todos os outros, a riqueza, a permanência, a fecundidade e a actualidade da doutrina de S. Tomás.

Este Congresso, no qual tomaram parte com um grande entusiasmo mais de 1.500 congressistas confirmará, nós o esperamos, esta renovação do tomismo.

Esta é a nossa esperança, consolidada pela presença de Vossa Santidade, a quem pedimos humildemente a bênção paternal.

O significado da criação *

JOSEF PIEPER

O verdadeiro centro da visão do mundo que teve S. Tomás, o qual foi com razão denominado «Thomas a Creatore», é a ideia de que o mundo e o homem possuem a qualidade ontológica de ser uma coisa criada. Portanto, alguns dos elementos do conceito fundamental do ser criado devem ser mencionados e brevemente explicados.

Por mais limitada que possa ser a analogia entre a relação do artista humano no seu trabalho e a do Criador na sua criatura, tanto o trabalho da arte humana como também o criador têm em comum a qualidade de serem guiados por um plano prévio, por um modelo.

No que se refere ao homem, isto significa, por exemplo, que ele é alguém que inevitavelmente se encontra no mundo como um ser que, sem o ter pedido, já está marcado na fronte e é determinado. A natureza humana é exactamente a quinta-essência daquilo que o homem deve ser em virtude da criação. A natureza e a essência de cada criatura não são senão «*quaedam sigillatio divinae scientiae in rebus*» (S. TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q. 1a. ad 1am). A tese de J. P. Sartre

* Artigo do conhecido professor da Universidade de Münster, e que vem publicado em «*L'Osservatore Romano*», ed. portuguesa, de 8/IX/1974, p. 6. Daí o extraímos para a nossa revista.

é verdadeira; «Não existiria natureza humana, se não existisse um Deus que a concebesse e determinasse».

Independentemente do que provém do desígnio intelectual humano, ele possui, em virtude desta mesma origem, a qualidade de ser alguma coisa que pode ser compreendida. Analogamente, a inteligibilidade e a clareza ontológicas do mundo e do homem não podem ser plausíveis de modo mais convincente do que pelo facto de que a natureza é concebida criativamente por Deus. É este esplendor fundamental e esta cognoscibilidade que são compreendidos no antigo conceito «da verdade das coisas»: «*omne ens est verum*». Fazem parte, como diz S. Tomás, da própria condição do mundo de ter sido colocado entre duas inteligências «*instar duos intellectus*» (De Veritate, q. 1, a. 2). Isto é, entre a inteligência divina e a inteligência finita. E, para uma inteligência finita, o mundo só é acessível em virtude de ter sido criativamente pensado pela inteligência divina. Não existe outro modo para tornar inteligível de alguma maneira a «incompreensível» cognoscibilidade da natureza (como disse Alberto Einstein).

Mas, cognoscibilidade não significa ainda compreensibilidade. Conhecimento compreensivo quer dizer conhecimento exaustivo. É próprio da natureza das coisas criadas que a sua cognoscibilidade nunca pode ser compreendida inteiramente por qualquer potência finita de conhecimento. É verdade que as coisas são claras e, por isso, cognoscíveis na sua base, porque são criaturas. Mas também é verdade, ao mesmo tempo, que para uma inteligência finita as coisas são incompreensíveis pela simples razão de serem criaturas, o que significa que elas têm a sua origem num modelo criativo.

A existência actual de um ser é claramente um não-absoluto, contingente, não podendo ser um facto plausível senão remontando ao acto absolutamente criativo e totalmente livre de uma vontade (e, por isso, indemonstrável pela razão). A sabedoria fundamental «*omne ens est bonum*» perde inevitavelmente a sua própria relevância existencial, quando o mundo e o homem já não são considerados «criaturas», e quando conseqüentemente a existência e sobretudo a existência própria de alguém já não é aceite como uma existência criatural, efectuada por um acto divino de uma aprovação amorosa. Wittgenstein disse: «Não 'como' o mundo é, é o místico, mas 'que' ele existe». E a tese radical de Sartre, segundo a qual uma existência evidentemente contingente, não fundada expressamente numa vontade absoluta, é simplesmente absurda, representa a única alternativa: ou o místico, ou o absurdo; por outras palavras, ou o «nauseante» ou o digno de ser amado.

Ser «criatura» não significa somente que Deus nos deu, pelo seu pensamento criativo, uma determinada natureza e essência, mas significa também e mais ainda que nós fomos colocados, mediante o acto absolutamente efectivo da vontade criadora de Deus, no caminho daquela realização que Deus não só tem em vista mas também quer. Portanto, «natureza» e «intelecto» não são necessariamente opostos entre si. Existe, pelo menos, uma qualidade de ser, no qual o natural e o espiritual estão unidos. E esta qualidade de ser é o «intelecto criado», em cujo interior alguma coisa pode e também deve acontecer, que se verifica por causa da criação e, portanto, como um processo natural (independentemente de nós) e, no entanto, ao mesmo tempo não se pode considerar como alguma coisa diferente do acto espiritual. Esta conexão oferece a única possibilidade de encontrar a única raiz de duas interpretações opostas do querer humano, isto é, a chamada «determinista» e o seu oposto, ambos legitimados.

pela experiência. Contudo, uma fórmula fácil não é possível. O próprio S. Tomás disse: «*Voluntas libere appetit felicitatem, licet necessario appetat illam*» (De Potentia, q. 10, a. 2, ad 5m).

O homem tende sempre para Deus *

MIGUEL FREDERICO SCIACCA

Em pleno século treze, S. Tomás de Aquino, sem separar a cultura e, de modo particular, a filosofia, da teologia, como se fosse possível ignorá-las sem consequências notáveis e ao mesmo tempo distinguir os seus respectivos campos de competência, em relação a certo agostinismo do tempo; sem dessacralizar a sociedade, mas libertando-a dos aspectos «clericais» mais pesados, por exemplo, a confusão das instituições jurídicas e políticas com as eclesiásticas, ou a sua assimilação a estas e o desprezo pelos valores humanos, S. Tomás, repito, contribui para a formação da consciência «laica», ou melhor, é o seu teorizador mais profundo, mais lúcido e genialmente equilibrado.

S. Tomás intuiu que a «laicidade» do saber humano era o único modo de se preparar para enfrentar o «laicismo» ou a concepção da vida sem Deus que, presente, em formas diversas, em todas as culturas e civilizações, já tinha aparecido dentro da *civitas christiana* e viria a desenvolver-se com ritmo cada vez mais acelerado.

S. Tomás, estabelecendo uma correspondência entre a ordem mental ou das coisas conhecidas e a ordem real ou ontológica, evitou o realismo absoluto, o nominalismo e toda a forma de subjectivismo. O primado do ser em relação ao conhecer exclui a concepção de que a inteligência seja criadora do seu objecto e garante a objectividade do conhecimento: o conhecer depende do ser; e não o ser, do conhecer. O ponto de vista segundo o qual o ser é o único pressuposto do pensar e do conhecer constitui o único que torna impossível o gnoseologismo do pensamento moderno que alcançou, através de Kant e da filosofia do romanticismo alemão, a sua formulação mais completa, contendo, porém, os gérmes da sua própria dissolução, no idealismo lógico-dialéctico de Hegel. Na posição tomista estão implícitas, por um lado, uma concepção crítica do conhecimento, e, por outro, a afirmação da omnicomprensividade da metafísica.

Na substância a essência é constituída pela forma e pela matéria, não pela que «determina a quantidade». Portanto, a essência do homem, por exemplo, é de ser um composto de corpo e alma, essência que pode ser compreendida sem ser necessário considerá-la existente. Isto significa que o seu ser, como o de qualquer outra coisa, não provém da sua essência ou *quidditas*, mas vem de outro ser, de Deus, que dá o

* O eminente professor da Universidade de Génova publicou este artigo, em louvor de S. Tomás de Aquino, nas cols. de «L'Osservatore Romano» (ed. portuguesa, de 8/IX/1974). Servimo-nos das palavras do ilustre filósofo, para, com ele, homenagearmos o Patrono de todas as escolas católicas.